

A Ilha de Margarida: água e vida no Semiárido

No coração do Semiárido nordestino existe uma “ilha” que não aparece nos mapas. Para chegar até ela, é preciso atravessar de canoa as águas de uma barragem. É ali, na comunidade de Lagoa da Pedra, no município de São José do Egito, que vive Maria Margarida da Silva Nunes, agricultora de 52 anos. Filha de agricultores, ela cresceu aprendendo desde cedo o valor da terra e do trabalho no campo. Ao lado do marido, mantém um quintal produtivo que garante alimentos frescos para a família e gera uma renda complementar, mas nem sempre foi assim.

A construção da barragem isolou a propriedade onde mora, deixando-a distante dos vizinhos e com dificuldade de acesso a serviços básicos. “Aqui só tem essa casa. Todo mundo mora do outro lado. Se eu adoecer, o transporte é a canoa”, conta Margarida. A ausência dos filhos, que seguiram outros caminhos, aumentou ainda mais o sentimento de solidão. Quando o filho mais novo casou, ela sentiu o chamado “ninho vazio” e passou meses para se acostumar. Ainda assim, permaneceu firme no seu pedaço de terra, resistindo às adversidades da vida na sua “ilha” no sertão.

Foi através da Associação Rural de Lagoa da Pedra que Margarida conseguiu se inscrever para receber uma cisterna de enxurrada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), executado pela Diaconia no âmbito da ASA Brasil. Em novembro do ano passado, a tecnologia foi instalada em sua propriedade e transformou completamente sua rotina.

“Antes a gente não tinha água suficiente. Agora eu encho a cisterna e posso plantar de tudo. Melhorou tudo!”, comemora.

A cisterna, que capta e armazena a água das chuvas que escorre pelo terreno, possibilitou irrigar hortaliças e frutíferas durante todo o ano, mesmo em períodos de estiagem.



Com água garantida, Margarida ampliou sua produção de coentro, alface, repolho, cenoura, pepino, cebolinha, limão, banana, mamão e outras frutas. Parte vai para a mesa da família, garantindo uma alimentação saudável e livre de venenos; o excedente é vendido na própria comunidade, gerando renda. “Hoje eu não compro mais verduras na feira. Eu vou ali, colho e como. O sabor é diferente, é uma delícia”, afirma. Somente com a venda do coentro, ela consegue tirar em média R\$150 por semana, valor que complementa com o Bolsa Família e ajuda nas despesas da casa.

Os cursos e orientações oferecidos pela Diaconia sobre plantio agroecológico também ajudaram Margarida a aprimorar suas práticas. Ela aprendeu técnicas simples, como preparar melhor o solo e semear hortaliças de forma correta, evitando o uso de agrotóxicos. “O incentivo delas é muito importante. A gente faz com prazer”, relata. Assim, a cisterna não trouxe apenas água, mas conhecimento, autonomia e esperança para a agricultora.

O próximo passo de Margarida é vender sua produção para programas como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), ampliando ainda mais sua renda. Ela também sonha em terminar o banheiro de sua casa, um projeto antigo que vem sendo adiado pelas dificuldades financeiras. Apesar dos desafios, a agricultora mantém a fé e a coragem como motores da sua luta.

“Eu gosto muito de lutar, de aprender nas reuniões, de correr atrás. É com fé e coragem que a gente consegue”, diz.

Histórias como a de Maria Margarida mostram como tecnologias simples, como a cisterna de enxurrada do Programa Uma Terra e Duas Águas, transformam a vida das famílias agricultoras do Semiárido, fortalecendo a segurança alimentar, a geração de renda e a convivência sustentável com a Caatinga — mesmo em “ilhas” de isolamento, onde mulheres resistem e fazem florescer vida nova.

